

DOS GRANDES BANQUETES À EXPRESSÃO PESSOAL: A CULINÁRIA RENASCENTISTA NO *CODEX ROMANOFF* DE LEONARDO DA VINCI

MICHELE BORGES MARTINS*

RESUMO

O presente artigo analisa um conjunto de anotações culinárias que pode nos revelar aspectos particulares de um dos artistas mais citados na história. Leonardo da Vinci, em seus cadernos de cozinha, deixou relatos e impressões que nos auxiliam a uma análise pessoal, o que, conseqüentemente, abriu a possibilidade de entendermos como o seu momento histórico influenciou seu cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Renascimento, Leonardo da Vinci, culinária, cotidiano, arte, vida privada.

O princípio dos tempos modernos foi o palco de Leonardo da Vinci, considerado um gênio da arte e da ciência. Entretanto, suas idéias e criações não romperam com as tradições da época, ao contrário, da Vinci buscou em seus estudos servir à sociedade, dentro do ideal do humanismo cívico – realizou estudos e descobertas sobre a anatomia, por exemplo, que anos mais tarde auxiliaram a medicina a entender melhor o funcionamento do corpo humano.

Leonardo da Vinci nasceu em Anchiano, a 15 de abril de 1452, filho do advogado Piero e da camponesa Catarina. Aos cinco anos passou a viver com o pai e em 1469 mudou-se para Florença, onde iniciou sua aprendizagem no ateliê de Andrea del Verrocchio (1436-1488). No início de 1480, Leonardo já havia pintado vários quadros como a *Modona com Cravo* (1478-1480) e a *Madona Benois* (1475-1478), mas foi sua destreza no manuseio da lira que levou Lourenço de Médici¹ (1449-1492) a indicá-lo a Ludovico Sforza² (1452-1508).

Durante o período em que prestou serviços a Ludovico, Da Vinci

*Acadêmica do curso de História – Licenciatura – FURG; e-mail: michele_hist@yahoo.com.br

¹ Banqueiro e governante de Florença.

² Duque de Milão.

teve mais contato com a arte da culinária, pois foi nomeado mestre de banquetes. Suas experiências gastronômicas deram origem ao *Codex Romanoff*³ – cadernos de cozinha manuscritos, em que o artista descreveu suas receitas, suas invenções destinadas à cozinha, seus pensamentos e opiniões sobre cada tipo de alimento.

Da Vinci é o símbolo de um momento histórico que se caracterizou pela busca de uma erudição a partir de padrões greco-romanos: o Renascimento. Os renascentistas italianos buscavam romper com as tradições medievais – entretanto, com uma análise mais aprofundada percebemos que esse rompimento não se efetivou totalmente – e entender o homem como mestre de si e como indivíduo. Era a partir de autores clássicos como Platão, Tito Lívio, Cícero e Aristóteles que pensadores daquela época discutiam sobre liberdade e moral; era a busca por respostas de questões presentes no cotidiano que impulsionava esses homens a desenvolver suas obras, as quais influenciaram o pensamento e a visão de mundo de gerações posteriores.

Além do retorno aos valores clássicos, outra característica renascentista foi a busca pela plenitude. O ideal humanista estabelecia que o homem necessitava desenvolver todas as suas potencialidades, mas âmbitos como a retórica, filosofia, latim e direito civil eram considerados de maior importância. Dentre todos os pensadores e artistas inseridos nesse contexto histórico, Leonardo da Vinci é visto como o personagem que representa essa plenitude e por isso é um dos mais citados. Suas pinturas e seus vários projetos – sobre a arte militar, arquitetura, escultura, matemática etc. – refletem a busca por um conhecimento que contribuísse de algum modo para o bem da sociedade. Esses projetos do artista já foram pauta de discussões e de muitos estudos. Entretanto, aspectos pessoais como os relacionamentos familiares, amizades, ambições e o cotidiano de Leonardo ainda não foram suficientemente analisados.

A partir da percepção dessa lacuna, o presente artigo tem como

³ Em 1980 foi descoberto o *Codex Romanoff*. Entre os estudiosos da vida e obra do artista não há consenso sobre a autenticidade desse documento. Entretanto, vários indícios nos escritos permitem supor que essa relíquia seja autêntica: poderíamos citar as personalidades – como, por exemplo, Ludovico Sforza e Andrea del Verrocchio – com as quais da Vinci teve contato, hábitos e elementos da culinária renascentista e regiões por onde o artista passou. Não podemos deixar de considerar que da Vinci anotava sistematicamente tudo o que acontecia na sua vida, até mesmo fatos do cotidiano aparentemente banais. É tendo em vista esses elementos comprobatórios da autenticidade dessas anotações que o presente artigo percebe o *Codex Romanoff* como verdadeiro e uma fonte riquíssima para análise.

objetivo analisar os cadernos de cozinha de Da Vinci, a partir da visão de que eles representam o que Ângela de Castro Gomes⁴ chamou de “escritas de si” – cartas, diários, cadernos de assento, agenda –, documentos que revelam aspectos e trajetórias pessoais, os quais podem ser divididos em vários âmbitos: da casa, do trabalho, do lazer etc. Nesses escritos, Da Vinci deixou registros de memórias que podem ser vistos como possibilidades de se conhecer um artista oculto em suas telas, trechos que podem revelar idéias, angústias e sonhos, é a proposta de um “novo” modo de perceber esse caderno de culinária, o qual pode revelar a vida cotidiana do autor.

Sobre a tipologia de documentos que podem ser considerados produção de si, como os exemplos supracitados, Ângela de Castro Gomes descreveu:

Em todos esses exemplos do que se pode considerar atos biográficos, os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de alguma forma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas (GOMES, 2004, p. 11).

Essa capacidade humana de atribuir significados especiais a cada aspecto do mundo, que Gomes menciona, e que são expressados nos atos biográficos, se faz presente nos cadernos de Da Vinci. Ao relatar situações específicas como banquetes, viagens e trabalhos, o artista deixou implícitas opiniões sobre vários assuntos. É entre as linhas que descrevem receitas e modos de se portar, que percebemos afetos, sentimentos, críticas, pensamentos e medos. Embora, o *Codex Romanoff* seja definitivamente um caderno destinado a anotações culinárias, não deixa de ser uma forma de escrita de si, a qual hoje constitui um dos meios mais ricos de se entender Leonardo da Vinci em seus aspectos mais humanos. Entretanto, nossa análise se faria incompleta se não a relacionássemos ao contexto histórico. Não podemos esquecer que a Renascença é um momento de transição da primazia das tradições medievais para o surgimento da forma empírica de comprovação dos fenômenos (cientificismo), e essa efervescência de idéias – as quais de algum modo integravam a visão de mundo de Da Vinci –, se refletia no cotidiano do artista.

Geralmente temos a tendência de perceber os relatos em primeira pessoa como verdadeiros, esquecendo que eles também contêm visões parciais do momento histórico em que o “narrador” está inserido. Por

⁴ Doutora em Ciência Política; autora da obra *Escritas de si, escritas da História*.

isso, não tenho a intenção de mostrar o que realmente acontecia na vida de Leonardo da Vinci, mas sim de explorar o modo como ele se relacionava com as pessoas a sua volta e como noções que estavam em voga no momento – beleza e estética, por exemplo – se faziam presentes até mesmo em âmbitos mais particulares como o das refeições.

Nos cadernos de cozinha de Leonardo da Vinci, Ludovico Sforza é uma das figuras mais citadas. No entanto, as referências do artista a esse personagem não são positivas, visto que ele é tratado como exemplo de comportamentos reprováveis:

Parece-me indigno dos tempos presentes o costume de Meu Senhor Ludovico de amarrar coelhos à cadeira de seus convidados para que estes possam limpar a gordura das mãos nas costas dos animais (DA VINCI, 2005, p. 189).

O que o Meu Senhor Ludovico tem em sua mesa fere a minha vista. Todos os pratos são monstruosos... é tudo abundância. Assim comiam os bárbaros (DA VINCI, 2005, p. 77).

Essa reprovação aos atos do amigo demonstra como o artista foi influenciado pelo ideal ciceroniano de *virtu*⁵, o qual foi retomado no Renascimento. Nesse momento, assuntos como educação, retórica e conhecimento filosófico passaram a ser pauta de uma discussão que pretendia estabelecer os principais âmbitos que deviam compor a instrumentalização de um verdadeiro cavalheiro. A idéia de que todo homem pode alcançar a excelência impulsionou uma busca contínua por virtudes que eram consideradas essenciais à vida pública.

Como todo homem é filho de seu tempo⁶, Da Vinci não poderia fugir desse ideal. Para ele, Sforza, como governante de Milão, deveria ser um homem virtuoso, com boas maneiras. Suas atitudes à mesa não eram condizentes com a de um cavalheiro, o qual deveria ter como objetivo principal de sua vida a busca pela sabedoria e eloquência. Da Vinci chegou ao ponto de comparar seu senhor aos bárbaros, evidenciando, assim, seu horror ao presenciar aquelas cenas que ofendiam os valores humanistas, nos quais as boas maneiras à mesa faziam parte de um conjunto de comportamentos necessários a um governante possuidor da *virtu*.

Além dessas “tradições” humanistas que integravam a

⁵ Termo utilizado por Quentin Skinner em sua obra *As fundações do pensamento político moderno*.

⁶ Conceito criado por March Bloch.

personalidade de Da Vinci, o *Codex Romanoff* também permite perceber sentimentos, os quais auxiliam na compreensão da vida privada desse artista. São pequenas nuances e palavras que denunciam afetividades e relações que de alguma forma foram importantes, visto que foram merecedoras da lembrança e da anotação.

Deixe que repousem pelo período de duas horas [os rabos de porco], envolva-os com uma fina camada de polenta e coloque-os no forno por meia hora, ou até que a polenta esteja crocante e dourada. São os preferidos de meus irmãos e eu os preparo sempre que os visito (DA VINCI, 2005, p. 35).

Segundo meu amigo Gaudio Affan di Rivan, este é o prato mais desagradável de todos os que provou. Entretanto, assim como as pessoas de Ostia, a quem pertence a sua criação, eu sinto por ele certa ternura (DA VINCI, 2005, p. 75).

Na tentativa de compreender o ser multifacetado que foi Da Vinci, destacamos os trechos supracitados porque revelam o tipo de relação que o artista estabelecia com sua família e amigos. Visionário e gênio da pintura, Da Vinci também se mostra um irmão afetuosos e atencioso, pois sabia as preferências de seus irmãos e quando se encontrava com eles tentava agradá-los. Embora tenha saído de casa muito cedo para ingressar no ateliê de Andrea del Verrocchio, sua anotação nos permite deduzir que ele nunca perdeu contato com sua família e, tendo em conta as dificuldades de mobilização naquela época, pode-se dizer que suas visitas eram freqüentes.

No que tange à relação com Gaudio, os termos “amigo” e “ternura” expressam sentimentos que de alguma forma transparecem em suas obras, mas que são ofuscados pela visão unilateral do grande gênio renascentista. Assim, é desvelado um Leonardo da Vinci humano que, como nós, vivenciou momentos de alegria, de angústia e tristeza. Um homem que inegavelmente estava envolvido em seu contexto histórico, mas que teve experiências de vida que são comuns a quase todos: amores, amizades e laços familiares.

Segundo o historiador italiano Francesco Cianchi, no livro *Caterina Sclava*, a mãe de da Vinci teria sido uma escrava árabe, a qual um nobre florentino teria deixado como herança para Piero, pai do artista. Essa hipótese não é consenso entre os estudiosos, por isso a única afirmação que podemos fazer aqui é que Da Vinci foi retirado do convívio de sua mãe muito cedo e talvez por isso tenha estabelecido uma relação muito forte com sua cozinheira, chamada Battista.

Às vezes Battista me prepara este prato sem outra decoração que sal e um pouco de pimenta. Devo dizer que assim também me agrada muito (DA VINCI, 2005, p. 50).

Battista gosta de servir-me alfaces sem lavar sobre um caldo marrom que tem gosto de limão, mas como não são do meu agrado, dou-as para meu cachorro quando Battista não está vendo (DA VINCI, 2005, p. 164).

Embora Battista fosse apenas uma cozinheira, Leonardo da Vinci não a tratava como tal. Havia um laço afetivo que é percebido no momento em que Da Vinci dá sua comida ao cachorro com a preocupação de que Battista não perceba seu ato, o que não aconteceria se a cozinheira fosse vista como apenas uma empregada. Por meio dos trechos acima citados, percebemos uma relação um tanto maternal entre ambos, Da Vinci que se preocupava em não desagradar Battista, visto que não reclamava da comida que não era de seu agrado, e a cozinheira que procurava servir não só pratos de sua preferência, mas que também tinham valor nutricional.

Leonardo da Vinci se eternizou por meio de suas invenções e de sua arte. Lembrado por sua inteligência excepcional, realizou inúmeros estudos em que dava vazão à curiosidade, ao experimentalismo e à engenhosidade, que compunham seu caráter e personalidade. Esse caráter inventivo é plenamente exposto em alguns títulos (*Sobre uma alternativa para as toalhas de mesa sujas*, *Máquinas que ainda devo construir para acrescentar à minha cozinha* e *Sobre a carne e o pão*) e observações que integram seus cadernos de cozinha:

Creio que, na mesa, deveria cada um ter seu próprio pano que, uma vez sujo de limpar neles as mãos e facas, poderia ser dobrado para não profanar a imagem da mesa com tal sujeira. Entretanto... que nome darei a tais panos? E de que maneira eu os apresentarei? (DA VINCI, 2005, p. 107).

Junte umas folhas como decoração e a sopa de castanhas estará pronta para servir. É muito boa contra mordida de aranhas campestres e para colar folhas dos livros (DA VINCI, 2005, p. 86).

Um dos pensadores que se dedicou a estudar a personalidade de Leonardo da Vinci foi Sigmund Freud (1856-1939), pai da psicanálise. É o caráter inacabado das obras que o motiva a analisar a vida, seguindo a linha do complexo de Édipo do artista. Segundo Freud, as obras de Da Vinci só serão completamente entendidas a partir da visão de que elas são um modo de o artista expressar suas fantasias.

É querendo colaborar com essa análise psicológica de Freud que

destacamos as citações acima, visto que aspectos como curiosidade⁷ e inventividade, além de integrar a personalidade de Da Vinci, também foram fatores que tiveram grande influência nos rumos de sua história. Também podemos perceber nos trechos destacados que, a partir de necessidades cotidianas, o artista promovia suas pesquisas e estudos, no entanto não podemos esquecer que as necessidades daquele momento estavam intrinsecamente relacionadas com as discussões em voga. Por isso, os extratos supracitados não denunciam unicamente a engenhosidade de Da Vinci, mas também a preocupação constante com a estética da mesa. O artista demonstra que o ideal de beleza buscado nas artes e na arquitetura também chegou à culinária, transformado em etiqueta social. Como podemos observar a seguir, esse ideal de beleza era orientado por uma lógica matemática:

As coisas que são agora sentidas como belas são a conformidade lógica das partes individuais de um todo, a harmonia aritmeticamente definível das relações e o ritmo calculável de uma composição, a exclusão de discordância na relação das figuras com o espaço que ocupam e o relacionamento mútuo das várias partes do próprio espaço (HAUSER, 1998, p. 285).

Essa harmonia aritmética buscada por meio da proporção correta entre as partes que compõem a totalidade da obra, referida por Hauser, é um dos fatores que nos mostra que esse ideal de beleza é buscado na cultura greco-romana. Na pintura se desenvolveu a perspectiva; na arquitetura surgiu uma analogia entre beleza e longevidade (os arquitetos compartilhavam com os antigos o propósito de salvaguardar o belo da caducidade do tempo) e a escultura teve seu apogeu com o “Davi” de Michelangelo. Inserido nesse grupo de artistas renascentistas, Leonardo da Vinci deixou transparecer em suas anotações culinárias, apresentadas em seu *Codex Romanof*, essas novas idéias sobre estética e beleza. Como podemos perceber, nesse peculiar documento histórico a busca pelo belo não se restringiu às artes plásticas ou à poesia, mas adentrou todos os âmbitos, até mesmo nas atividades rotineiras, conforme citado abaixo:

Em relação ao Meu Senhor, se o que quer é um prato de carne com ossos, deve parecer-se com isso e não com uma mistura irreconhecível mergulhada em um molho inexpugnável, mas pedaços de carne limpa rodeados por ossos esteticamente dispostos (DA VINCI, 2005, p. 78).

⁷ O próprio Freud destaca essa característica de Leonardo da Vinci ao usar em sua obra (*Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua Infância*) o termo *wissbegierde*, que significa “avidez de saber”, “curiosidade” ou “desejo de saber”.

A referência à estética do prato nos remete justamente a essa discussão, na qual o homem passou a ter a capacidade de produzir o belo. Se antes (medieval) o belo só tinha sua expressão máxima no âmbito transcendental⁸, no Renascimento a beleza se desloca para o plano físico, visto que está associada a conceitos como harmonia, proporção, forma, simetria e equilíbrio. Consequentemente a cultura renascentista passou a impor padrões estéticos a serem seguidos nas representações dos espaços⁹. Para Leonardo da Vinci, essas leis também deveriam estar presentes na culinária e na organização da mesa, visto que essa “confusão” entre os pedaços de carne e molho lhe parecia uma péssima forma de apresentação dos pratos.

Pode-se novamente perceber essa preocupação com a harmonia entre os elementos presentes no momento da refeição, em sua obra “A Última Ceia” (1495-1497), nesta da Vinci pintou os pães, os quais aparecem em primeiro plano na mesa, com um distanciamento regular entre si. Outro fator que segue um padrão estético são as taças de vinho, as quais, em sua maioria, estão localizadas a esquerda de cada prato. É claro que este quadro possui toda uma justificação religiosa, mas não podemos ignorar o fato que ele foi pintado no mesmo momento em que da Vinci estava prestando serviços a Ludovico Sforza (período em que o artista escreveu suas anotações culinárias).

No entanto, a noção de estética e beleza de Leonardo da Vinci possuía uma particularidade que pode ser percebida em alguns títulos (Pratos simples, Quatro sopas simples e Outras sopas simples) e trechos de suas anotações:

Como poderei convencê-lo disso [Ludovico], cada vez que despreza meu prato de couves e não encontra para minhas ameixas com cenoura lugar sobre sua toalha de mesa? Porque há em uma couve simples beleza, e em uma cenoura pequena mais dignidade, que em seus doze recipientes cheios de carne e ossos. Em uma velha ameixa há mais delicadeza e em duas favas verdes mais alimento. O que devo fazer para que Meu Senhor Ludovico veja isso? Meu Senhor tem de redescobrir a qualidade da simplicidade (DA VINCI, 2005, p. 78).

⁸ Na Idade Média a concepção de belo está associada diretamente com Deus. Nas obras de Santo Agostinho, podemos observar que a bondade é o que identifica a beleza. Os conceitos matemáticos e geométricos são negados, por isso o belo captado pelos sentidos era mero reflexo da bondade universal. Só Deus, por ser o único puramente bondoso, era possuidor da beleza.

⁹ Um exemplo é a influência da geometria euclidiana, a qual usava como base de suas obras o quadrado.

Para o artista, conforme a citação, a simplicidade era vista como algo positivo; o importante é a harmonia da mesa, a beleza simples dos alimentos. Receitas como polentas, especificamente as que são descritas como suas preferidas, tinham como base poucos ingredientes. A sofisticação e beleza dos pratos estavam ligadas a uma apresentação limpa e ordenada dos alimentos, legumes e frutas – como as cenouras, as couves ou ameixas – e foram valorizadas por sua pureza e naturalidade.

Assim, por meio desta pequena análise sobre os cadernos de cozinha, foi possível conhecer outra esfera da personalidade de Leonardo da Vinci, o irmão, amigo e engenhoso. Um homem que partilhava da “aura” renascentista com seus contemporâneos – visto que aquele momento de procura por inovações foi propulsor de transformações nos hábitos e tarefas mais cotidianas do artista –, mas que, como nós, também possuía conflitos e angústias devido a acontecimentos de sua vida.

Portanto, o *Codex Romanoff* é uma fonte inesgotável de informações, pois, entre considerações sobre a qualidade de certos alimentos, percebemos várias nuances que podem ser vistas como relatos de si, e como esse âmbito, certamente pessoal, dialogava com as modificações do momento histórico.

FONTE

DA VINCI, Leonardo. *Os cadernos de Leonardo da Vinci*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

REFERÊNCIAS

BAKOS, Margaret Marchiori. *Escritas íntimas, tempo e lugares de memória: a documentação pessoal como fonte histórica*. Porto Alegre: Palier, 2008.

BURCKHARDT, Jakob. *A cultura do renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GOMES, Ângela de Castro. *Escritas de si, escritas da história*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.

GRANDES VIDAS, GRANDES OBRAS: biografias famosas. Rio de Janeiro: Seleções do Reader's Digest, 1980.

SIGMUND, Freud. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua Infância*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SKINNER, Quentin. A Renascença Florentina. In: _____. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

